

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
CURSO: PEDAGOGIA

A PRÁTICA DA SUPERVISÃO EDUCACIONAL
NA SEDE DE UMA SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO.

AGLAILDE FORMIGA DE LIMA
MARIA BETÂNIA TELES DE FRANÇA

CAJAZEIRAS, 20 DE SETEMBRO DE 1993.

AGLAILDE FORMIGA DE LIMA
MARIA BETÂNIA TELES DE FRANÇA

Trabalho apresentado para a
conclusão do curso de Gradua-
ção em pedagogia do CFP - Cam-
pus V - Cajazeiras.

Orientadora: Prof.^ª Idelsuete
de Sousa Lima.

Cajazeiras, 20 de setembro de 1993.

" O mestre não é quem ensina, mas quem
de repente aprende".

(Grande Sertão Veredas, p.235)

As nossas mães que se revelaram uma presença fundamental nos momentos mais importantes da nossa caminhada.

A nossa professora Idelsuíte, pela sua relevante contribuição no aprofundamento do nosso despertar crítico em reconhecimento como futuras profissionais.

A todos que nos acolheram com lições de vida e palavras de incentivo ajudando-nos a seguirmos em frente.

E acima de tudo a "Deus" por não nos deixar fraquejarmos nas horas mais difíceis de nossas vidas.

S U M A R I O

1. INTRODUÇÃO	01
2. A RAZÃO DESTE ESTUDO.....	03
3. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS	06
4. 3.1. AS OBSERVAÇÕES	08
3.2. AS ENTREVISTAS	10
4. OS OBJETIVOS	11
5. SITUANDO A PRÁTICA DA SUPERVISÃO NO ÂMBITO DO SISTEMA ES TUDADO	12
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
7. BIBLIOGRAFIA	22

1- INTRODUÇÃO

1.1. REFLEXÕES PRIMORDIAIS SOBRE O ESTUDO PRETENDIDO

O tema deste trabalho é "A prática da Supervisão na Sede de uma Secretaria Municipal de Educação".

Neste realiza-se um estudo da prática educativa da referida categoria profissional na realidade educacional local e no contexto sócio-econômico-político da sociedade brasileira.

É sabido que a supervisão tem sido objeto de críticas, tem sofrido dos poderes constituídos as mais severas penalidades e tem, no desenrolar de uma existência, construído sua história. Portanto essa referência histórica da supervisão e da educação é abordado dentro desse estudo e conseqüentemente inclui-se a essa abordagem um pouco sobre a sociedade instituída, por saber-se que esta influênciá decisivamente o processo educacional.

Nosso interesse em investigar "A prática da Supervisão", surgiu a partir das leituras, estudos e discussões realizadas em sala de aula nas mais diversas disciplinas e particularmente em princípios de Métodos de Supervisão Escolar e Estágio supervisionado, onde evidenciou-se a necessidade de aprofundar a questão da supervisão no atual contexto educacional, não só a nível de unidade escolar, mas a nível de sistema no âmbito da Secretaria de Educação.

Na sociedade em que vivemos, de regime capitalista, a educação é um instrumento para atender aos interesses dos que detêm o poder e emanam as decisões, pouco preocupados com a educação da classe popular.

Assim no bojo das contradições da realidade educacional brasileira, consideramos de grande relevância o estudo da questão supra citada, por nos proporcionar o contato com a ação educativa da supervisão educacional a nível de sede da secretaria municipal, oportunizando-nos na reflexão teórica sobre a realidade desta prática, com vista a implementação de uma nova teoria voltada para o desenvolvimento de uma ação comprometida com a transformação social.

2- A RAZÃO DESTA ESTUDO

Na tentativa de encontrar respostas ou melhor compreender as questões subjacentes a prática supervisora, sentimos a necessidade de fazer uma retrospectiva histórica da origem da supervisão no contexto educacional brasileiro.

Sabe-se que as questões nacionais não acontecem de forma isolada, mas tem uma restrita ligação com as relações internacionais estabelecidas pelos que administram as nações. No campo educacional também não é diferente, daí pode se concordar com Nogueira (1989) quando afirma que:

"O surgimento da supervisão educacional na realidade brasileira tem a ver com o seu contexto histórico e suas vinculações com o contexto internacional...".

Tanto isso é verdade que a origem da supervisão educacional coincide com o momento político vivido pelo Brasil, cujo programa de desenvolvimento econômico era voltado para a internacionalização de novos investimentos, ao mesmo tempo em que os EUA buscavam estratégias para defender o capitalismo e garantir a ordem social dos países latinos.

Tais estratégias precisam ser compreendidas historicamente, uma vez que, suas intenções eram manter esses países longe das idéias comunistas da chamada guerra fria.

No Brasil, na década de 50, ganha expressão o nacionalismo desenvolvimentalista do governo Vargas (1950-1954) através da democracia populista ou populismo, na tentativa de barrar entrada de capitais estrangeiros.

A falta de sustentação política e a implantação dessas decisões geram colisões nas negociações internacionais, provocando o insucesso da Política de Vargas, levando-o ao sui cídio.

Seu sucessor Juscelino Kubsteczek (1956-1960) implementa uma política de internacionalização, intensificando a entrada de investimentos externos no país para justificar o "slogan" Cinquenta anos em cinco.

Esta internacionalização dá-se em todos os setores. No campo da educação surgiram programas de assistência técnica dentre eles o PABAE - Programa Americano Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar, instalado em Belo Horizonte, em 1957, que formou os primeiros supervisores.

A supervisão educacional surgiu como forma de garantir a "Eficiência" do ensino-aprendizagem que seria ideologicamente uma forma de assegurar a hegemonia da classe dominante, impedindo a penetração do comunismo" (op. cit. p. 39).

Pelo exposto, podemos que a ação reprodutora que marcou a caminhada da supervisão educacional deve-se ao fato que esta provém de modelos empresariais, consolidada numa prática extremamente burocratizada.

É necessário que apesar da supervisão ter sido motivo de críticas e questionamentos, inclusive com as teorias que lhe deram suporte, não se pode negar a caminhada em busca da transformação que a categoria dos supervisores tem deslanchado, tanto na questão política como na própria prática do dia-a-dia.

Dessa forma evidencia-se o papel do supervisor em prol de uma educação inovada. Neste sentido, alguns teóricos definem a função do supervisor como de suma importância no processo de transformação educacional e até mesmo social, pois aquele consiste no veículo viável para a transformação desta.

Dentro de uma concepção de educação, ressalta-se que a dimensão político-pedagógica do supervisor permitiu que este refletisse a sua prática através da conscientização política.

ca e da organização da categoria através das associações e encontros nacionais.

As primeiras associações de supervisores foram criadas em 1960, sendo elas a ASSERS, no Rio Grande do Sul e ASSEP, no Pará. As demais associações foram criadas após 1978. Foi inclusive a partir desse ano que se evidenciou um crescimento organizacional e político da categoria, motivados pelos ENSEs, Encontros Nacionais dos Supervisores Educacionais.

Os ENSEs contribuíram para a politização e conscientização da categoria, proporcionando a integração nacional dos supervisores e a troca de experiências. Além disso, constituiu-se num espaço político de discussão dos problemas e de busca de soluções.

Daí, passo a passo vai surgindo um profissional mais politizado, prestes a assumir uma prática coletiva, capaz de interferir nos destinos da sociedade civil na luta por uma escola de qualidade.

De acordo com esta visão, torna-se imprescindível a necessidade de desenvolver um estudo da supervisão à nível de sistema.

Assim nos dispomos a realizar um estudo sobre a prática educativa dos supervisores lotados na sede da Secretaria Municipal de Educação de Sousa, de acordo com o novo momento que se expressa.

Nossa preocupação se concentra na prática educativa demonstrada pelos supervisores mediante a ação pedagógica em exercício.

Pretendemos que de alguma forma, este estudo contribua para o avanço dos conhecimentos na área da supervisão, que ora tenta se identificar com os princípios de democratização e libertação da sociedade civil através do processo educativo.

3- PROCEDIMENTOS UTILIZADOS

O referido trabalho apresenta-se com a pretensão de investigar através de procedimentos científicos, como vem se processando o trabalho da supervisão educacional realizado numa Secretaria Municipal de Educação.

Configura-se como sendo um estudo exploratório, vez que, sua especificidade consiste apenas em caracterizar a prática da supervisão supra citada instância.

O estudo tem como princípio básico, um levantamento bibliográfico da supervisão educacional, onde busca-se o embasamento teórico da problemática em questão.

Neste torna-se nossa pretensão colher informações sobre a ação supervisora, no que diz respeito às suas contribuições no processo educativo da escola e da categoria, suas condições de trabalho e de realização profissional, bem como suas concepções de escola pública e de supervisão na proposta de trabalho vivenciada.

A pesquisa realizou-se com o número exato de doze (12) elementos no âmbito do local trabalhado, sendo que envolve diretamente o grupo de supervisoras e indiretamente os professores, alunos e diretoras por elas assistidos, adicionando-se ainda a contribuição da secretária municipal, para que se possa obter maiores e mais significativas informações acerca da área a qual estamos nos profissionalizando.

Para isso utilizamos instrumentos metodológicos de pesquisa científica que favorece uma coleta de dados mais precisa através de observações e entrevistas.

Dessa forma recorre-se a execução de observações

e entrevistas, por tratar-se de metodologias flexíveis, permitindo coletas de dados com mais clareza e precisão de tal sorte que possam validar os resultados da pesquisa.

3.1. AS OBSERVAÇÕES

Um trabalho de observação envolve a constatação e uma análise de problemas de uma determinada realidade. Dentro desse prisma, pretendemos delinear experiências que tivemos enquanto observadoras da prática do supervisor da Secretaria Municipal de Educação de Sousa.

No decorrer dos nossos estudos observamos como se realiza o trabalho do supervisor, que de certa forma deixa muito a desejar, tendo em vista a necessidade de um maior número de supervisores.

Percebeu-se que esse profissional atua sob condições precárias no que se refere a material didático, a falta de qualificação e formação pedagógica com relação a alguns supervisores e ao corpo docente das escolas. Não podemos esquecer que a própria escola se inclui nesta problemática, ou seja, em condições também precárias de funcionamento e de assistência ao corpo discente e docente.

Tivemos oportunidade de observar dois cursos de treinamento que visava qualificar professores da zona rural. O 1º treinamento foi ministrado por duas professoras da escola particular, aos supervisores que em seguida repassariam aos professores da zona rural. Este último se constituía no 2º curso. Esses consistiam na apresentação de atividades aplicáveis às diversas séries, desde o primeiro dia de aula, seguido pelo cotidiano da escola (rezar, cantar música de apresentação e bom dia) horário de recreação, tarefas de classe e de casa e ainda atividades que desenvolvem a coordenação motora.

No referente a este treinamento detectamos alguns que merecem reflexão. Um deles, é o fato das atividades

serem elaboradas por uma minoria para serem posteriormente aplicadas por uma maioria, e ainda, um plano que não levou em conta a realidade da escola e muito menos dos elementos desta. A elaboração deste plano, como comumente acontece, privou alunos e professores do direito de participação e capacidade de criar, pois o mesmo foi recebido já pronto e de acordo com a realidade da escola particular. Dando procedimento a esse treinamento foi preferido, no encerramento, uma palestra sobre Educação Popular, apontando as influências da família, da sociedade, da igreja, escola e dos meios de comunicação na formação do indivíduo.

Não podemos omitir o fato das professoras que recebiam o treinamento demonstrarem bastante insegurança ao ministrarem aulas expositivas, comprovando assim a inexperiência na utilização dos métodos propostos.

Observamos que a prática da supervisão a nível de sede se torna mais falho ainda, pois raramente se constatou o envolvimento destes profissionais com o trabalho mais específico a escola.

Constatamos que os supervisores ocupam a maior parte do seu tempo com o trabalho burocrático que se resume ao preenchimento de formulários, recolhimento de dados escolares com preenchimentos de históricos para arquivamento e elaboração de ofícios.

3.2. AS ENTREVISTAS

Ao iniciarmos nossos trabalhos de entrevistas, procuramos envolver diversos níveis no âmbito educacional no que se refere aos elementos desta.

Conseqüentemente entrevistamos seis (6) supervisoras, três (3) professoras, uma (1) diretora, dois (2) alunos como também a secretária da Secretaria Municipal de Educação.

As referidas entrevistas tiveram em média a duração de 20 minutos. Nestas tivemos a necessidade de utilizar o gravador, com o objetivo de assegurarmos o registro dos dados com a exatidão que desejávamos.

A utilização deste aparelho nos causou grandes dificuldades para a realização dos nossos trabalhos, pois este provocou uma certa inibição nos elementos entrevistados, principalmente quando no referente ao professor, no sentido que o método utilizado significava a ameaça de futuras implicações em relação ao poder político.

Outro fato que dificultou bastante esta fase do nosso estudo, foi quando a resistência de algumas supervisoras em colaborar com a realização das nossas entrevistas, a tal ponto de desvalorizar os nossos esforços e às nossas formas de trabalho, mas salientamos que esta questão felizmente não se generalizou, pois em meio a estes encontramos alguns profissionais que contribuíram consideravelmente conosco, com atenção e disponibilidade.

4. OBJETIVOS

GERAL- Refletir e analisar a prática da supervisão na sede de uma Secretaria Municipal de Educação.

ESPECÍFICOS- Desenvolver um estudo teórico acerca da supervi-
são educacional no Brasil;

- Caracterizar a ação supervisora realizada na sede de uma Secretaria Municipal de Educação.
- Traçar um paralelo entre a prática supervisora atual e os anseis apresentados pelos supervisores.

5. SITUANDO A PRÁTICA DA SUPERVISÃO NO ÂMBITO DO SISTEMA ESTUDADO.

Teoricamente afirma-se que a história da educação no Brasil enveredou por uma constante crise no ensino. Sendo a educação entendida como a responsável pela formação do indivíduo e sua integração à sociedade, sua função apresenta-se distorcida, quando percebe-se que a educação é direcionada para a distinção de classes reproduzindo os interesses da classe que a mantém.

Neste contexto surge a escola como a instituição responsável pela efetivação desse objetivo, com a função de inculcar no indivíduo a ideologia da classe dominante.

Esse processo de avaliação via educação foi se agravando, a medida que forças políticas intervíram no processo educativo. A influência do poder político sobre a educação sempre aparece evidente, pois todas as reformas destinadas a educação são impostas por esse grupo sempre objetivando a legitimidade do poder da elite sobre a classe dominante.

Dessa forma a educação foi se revestindo da submissão no poder sendo sempre utilizado em favor da classe detentora desse poder.

Alguns teóricos afirmam ser esta a causa principal que esfacela todo o processo educacional, enquanto este apenas prepara o indivíduo para assumir a condição de ser dominado e submisso.

Comumente vê-se a propagação de uma escola aberta com direitos igualitários, como podemos perceber nas declarações cedidas pelos supervisores:

" A escola pública é uma necessidade, uma necessidade realmente, principalmente a de 1º Grau, não é?

(entrevista nº 01)

Outra supervisora também assim se posicionou:

" Eu acho que é uma grande necessidade né? Porque as escolas públicas elas têm que assistir principalmente para a classe trabalhadora".

(entrevista nº 11)

Esse fato veio a favorecer a ação governamental, isto é, no sentido de que, valendo-se desta situação desenvolvem campanhas políticas, que visão incultir no indivíduo a idéia da propagação da classe política quanto a necessidade da implantação de uma escola para todos. Essas atitudes do governo para a educação neste sentido, sempre se fazem presentes pois, quaisquer benefícios destinados à educação se torna motivo de campanhas que tem como única preocupação dissimular as reais condições de fragmentação da educação.

Neste sentido, uma das supervisoras entrevistadas definiu essa situação da seguinte maneira:

" A interferência política pegou a educação e machucou, machucou".

(entrevista nº 01)

Dando continuidade a sua fala a mesma supervisora ainda ressalta:

" (...) o que falta no Brasil é isso, é o respeito à educação". (entrevista nº 1)

Diante desse quadro em que o ensino se detecta como defasado e ineficaz, várias associações de profissionais de educação (associações de professores, supervisores, estudantes, etc.), começaram a engajar lutas e movimentos reivindicatórios em prol de mudanças no setor educacional. Evidentemente esses movimentos sofrem grandes repressões, pois ameaçam a hegemonia da classe dominante.

Para combater esta ameaça, o poder político utiliza mecanismo de repressão que inibem qualquer tentativa de organização e mobilização popular. Tal acomodação é evidenciada na fala de uma das professoras entrevistadas:

" (...) nós ficamos caladas.

Não é bom se conformar, mas a gente se conforma né?"

(entrevista nº 4)

Em consequência disso, um relevante silêncio se apôs sou da sociedade percebendo-se apenas movimentos isolados que não dispõem de forças suficientes para gerar as necessárias mudanças.

No referente a estas reivindicações, a questão salarial consiste em razão primordial na organização da classe educacional dos referidos movimentos. Mas esta questão sempre gera conflitos entre trabalhador e governo, e até mesmo em outros setores. No entanto, no concernente a educação a má remuneração caracteriza a mínima importância e a atenção oferecida aos profissionais desta área, o que claramente é contado por algumas professoras e supervisoras.

Uma das professoras afirma:

" Nós temos um salário muito baixo".

(entrevista nº 4)

Outra declaração cedida por uma das supervisoras esclarece o nível salarial dos professores:

"(...) nós encontramos professores com duzentos e trinta já vai com três e quinhentos. Mas nós reconhecemos que ainda é muito pouco...".

(entrevista nº 1)

Quando se trata da ação do governo sobre a utilização das verbas destinadas à educação, uma parte desta sofre grandes desvios para serem utilizados na iniciativa privada, restando uma irrelevante parcela que é destinada à educação pública; isto define toda a situação de precariedade que abala o ensino no Brasil.

Nesta problemática que envolve a educação surge outro fator preocupante no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, ou seja, a evasão e a repetência. Segundo Establet e Bandelet a explicação para este fracasso escolar estaria na linguagem utilizada na escola, pois a criança pobre encontra na escola uma linguagem desconhecida, a língua da classe dominante.

Com isto " a criança terá dificuldade em aprender, e suas notas serão baixas até que, um dia desmotivada, ou não podendo mais abandonará a escola".¹ Isto implica que a escola através da linguagem discrimina a criança pobre, iniciando assim o seu processo de exclusão. A escola por sua vez tenta atribuir esse fracasso a própria criança que por ser mal alimentada não é inteligente ou que diferenças familiares levou a criança a não se interessar pelos estudos. Mas a própria escola exclui a classe trabalhadora do direito à educação utilizando assim a linguagem e hábitos irrealistas para esta classe.

Muitos teóricos caracterizam a escola como reprodutora da ideologia dominante; Mas esta condição não se percebe generalizada, a medida em que, dentro da própria escola podem ser encontrados alunos e professores que, sentindo a gravidade

1. Paulo Meksenas, Sociologia da Educação, cit, p.68.

X este conceito é empregado de acordo com a visão de Roger Establet e Christian Bandelet.

da problemática educacional, reagem a esta condição através de ações em que professores tentam conscientizar os alunos que não aceitam a situação de educação conservadora, pelo simples fato que isto não desperta nenhum interesse naqueles.

A estes fatores Georges Snyders denominou de forças progressistas, que segundo este "são forças que atuam para a transformação da própria escola e da sociedade"².

Dentro dessa visão de educação ressalta-se a atuação da supervisão dentro do processo educativo.

Tendo como função primordial desenvolver um trabalho coletivo e participativo, ou seja, trabalhar com todos os elementos inseridos no âmbito da escola, tendo o direito de contribuir diretamente no desenvolvimento do processo de desenvolvimento da educação e do educador. A este profissional cabe a responsabilidade de insentivar a discussão e o diálogo que se constituirão em em subsídios para a formulação e reformulação do curriculum.

Esses subsídios serão justamente o resultado da troca de experiências e todo o cotidiano vivido pelo professor, aluno, escola e comunidade, pois o reconhecimento da realidade de comunitária que os envolve torna-se indispensável.

Nesta visão de supervisor responsável pela conscientização do aluno quanto a realidade que o cerca, percebemos que a ação supervisora a nível de sistema afasta-se demasiadamente do trabalho coletivo, excluindo a participação do educando, dos pais e da comunidade no processo educativo.

Seu contato se restringe apenas ao professor e diretor, como percebeu-se nas entrevistas com os referidos profissionais.

Ao indagarmos uma supervisora sobre com quem ela se relaciona, esta respondeu:

" Com as escola diretamente, com os professores, diretores das escolas e dentro da "

2. idem; p 73

* conceito definido segundo a visão de Georges Snyders

secretaria com supervisores e secretários..."

(entrevista nº 7)

Quanto ao envolvimento com o aluno, esta ainda declarou:

" Não. Até agora nós... pelos menos só trabalhei com os professores e diretores de escola, né?".

(entrevista nº 7)

Outra supervisora declara que seu relacionamento se dá através do:

" Contato com a direção e a direção com o alunado, agora quando o problema é sério, a supervisão vai logo ver o problema e tentar resolver".

(entrevista nº 2)

Esta questão também evidenciou-se quando ao entrevistar alguns alunos estes responderão:

" Eu nem sei quem é supervisor. Acho que é uma professora".

Percebeu-se ainda uma certa relação de dominação e medo entre supervisor e professor, quando ao indagar-mos uma professora sobre a ação supervisora dentro da escola, esta limita-se a não responder.

Apesar de atuar de certa forma negligenciada estes profissionais afirmam que desenvolvem uma prática qualificada, trabalhando dentro da realidade da escola. Isto percebeu-se através das declarações cedidas por algumas das nossas supervisoras:

" Bem, a prática da supervisão está se desenvolvendo bem".

(entrevista nº 11)

Ainda em relação a prática supervisora outra entrevistada declarou:

" A gente trabalha de acordo com a realidade da escola".

(entrevista nº 10)

Outra supervisora ainda afirma:

"Nós realizamos um trabalho ligado diretamente com a escola, através de reuniões e planejamentos".

(entrevista nº 4)

Continuando a abordagem em torno da questão do planejamento desenvolvido pela equipe supervisora outra destes profissionais declarou ser um trabalho feito da seguinte maneira:

"O planejamento é mensal quando trata de trabalhar com o professor da sede. Faz aquele planejamento mensal, só que todas as escolas individualmente, são acompanhadas quinzenalmente, né?"

(entrevista nº 3)

Estes profissionais constataam a existência de problemas e dificuldades no concernente ao desenvolvimento de sua prática. Conscientes desse fato tenta-se buscar soluções e nesta busca opta-se por soluções superficiais que não eliminam por completo o problema detectado.

Torna-se relevante apresentar a concepção de

supervisão expressa por estes profissionais, pois a visão desses com relação à prática do supervisor coincide em grande parte com o trabalho desenvolvido por estes. Isso poderemos perceber a seguir nas palavras de algumas supervisoras:

" ... é através da supervisão que os professores recebem sua orientação";
(entrevista nº 2)

A mesma ainda afirma:

" é exatamente aquele termômetro que acompanha o trabalho, sabe detectar as falhas e aplicar reforços".
(entrevista nº 2)

Ainda referindo-se a concepção de supervisão, no decorrer das entrevistas nos deparamos com profissionais desse grupo que não conseguem expor definitivamente a sua concepção sobre esta prática, como nos mostrou uma das declarações feita por uma supervisora:

" supervisor ajuda muito nos planejamentos... esses negócios assim".
(entrevista nº 10)

No concernente a mudanças relacionadas a esta prática, alguns destes profissionais ressaltam a falta de formação universitária dentro deste grupo e segundo estes profissionais este problema prejudica o trabalho em conjunto, pois evidentemente a ação isolada não produz bons resultados, isto é o que revela a entrevista com uma das supervisoras, quando esta declarou o seguinte:

" Nós convivemos com um grande problema, é que nem todos os elementos são qualificados em supervisão escolar". (entrevista nº 1)

6. CONSIDERAÇÃO FINAIS

O reconhecimento da dimensão de um objeto em estudo se desenvolve sempre em função de um fim ou objetivo desejado.

De acordo com esta concepção o referido trabalho se propôs ao estudo da prática do supervisor a nível de sistema, com vistas a compreender este processo de ação profissional, como também todas as asdversidades que a cercam este ato educativo.

Através desse objetivo e no desenrolar do nosso estudo podemos perceber o trabalho de supervisão do referido sistema engloba uma considerável variedade de ações que supostamente fragmenta esta prática enquanto mobilizadora do processo educacional.

No reconhecimento dessas variáveis, consideramos como elemento fundamental neste processo de fragmentação, a ausência do supervisor na escola, no acompanhamento de sua rotina diária. Obviamente esta distância também implica na falta ' de contato direto com o aluno e com a problemática que envolve a realidade da escola.

Dessa forma justificamos a necessidade da escola em requisitar a presença do supervisor pelo fato da impotância deste profissional dentro da referida instituição, no sentido ' de realizar um trabalho de acompanhamento da rotina diária da escola como também no trabalho em conjunto e trabalhar diretamente com todos os membros da escola.

Através dos conhecimentos obtidos sobre a real ' prática do supervisor, reconhecemos no sistema um trabalho ' mais a nível técnico-buracrata.

Percebe-se que os supervisores realizam muitas atividades, mas não há uma definição clara do seu papel enquanto elemento intermediário entre a sede da secretarãa e a escola.

Salientamos ainda que o estudo aqui desenvolvido nos proporcionou uma relevante aprendizagem do que diz respeito a verdadeira prática do supervisor, despertando-nos o senso de responsabilidade, enquanto futuras supervisoras, sobre a importância do trabalho deste profissional no ato educativo.

No entanto torna-se imprescindível esclarecer que este mesmo estudo nos fornece consideráveis subsídios que no futuro serão de grande valia na prática como profissionais dessa área e mais ainda com conhecimentos necessários sobre a realidade educacional atualmente estabelecida.

Incorporando a abordagem do nosso estudo, ressaltamos a questão da formação do profissional em supervisão, defendendo fundamento prático, que obviamente acompanhado de um indispensável aparato teórico, tencione proporcionar ao indivíduo um potencial de preparação adequado as exigências enquanto futuro profissional no campo da supervisão.

Ao ressaltarmos essa questão, queremos esclarecer que a deixamos em forma de ressalva aos centros universitários, devido a preocupação que está nos causa e ainda pela árdua e difícil experiência que tivemos no decorrer do nosso estágio supervisionado.

B I B L I O G R A F I A

- ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite, (orgs). etí alii, O fazer e o Pensar dos Supervisores e Orientadores Educacionais. ' São Paulo, Edições Loyola, 1986, Coleção Educar-5
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). O educador: Vida e Morre. 4' edi. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- FALCÃO FILHO, José Leão Marinho. Uma Supervisão Compartilhada, in Revista AMAE Educando. Belo Horizonte. AMAE, maio 1986.
- FALCÃO FILHO, José Leão Marinho. Uma Análise Crítica das Cráti cas. in Revista AMAE Educando, Belo Horizonte, AMAE, Abril ' 1990.
- FRANCO, Luiz Antônio de C. A escola do trabalho da Escola. 3 ' ed., São Paulo, Cortez e autoria Associados, 1991. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo - 22.
- MELLO, Guiomar N. et alii. Educação e Transição Democrática. 3 ed., São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1986. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo -16
- MEKSENAS, Paulo. Sociologia da Educação: Uma introdução ao es tudo da escola no processo de transformação social. São ' Paulo, Edições Loyola, 1988, Coleção Escola e Participação -4.

MURAMOTO, Helenice Mariz Sbrógio, Supervisão da Escola Para que te quero?: Uma proposta aos profissionais de educação na escola pública. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

NOGUEIRA, Martha Guanaes. Supervisão Educacional: a questão política. São Paulo, Edições Loyola, 1989, Coleção Educar.

PIMENTA, Selma Garrido. O pedagogo na Escola Pública. 2 ed., São Paulo, Edições Loyola, 1991

PORTO, Rita de Cássia Cavalcante. Reflexão inicial da Proposta da Nova Ação Supervisora. Trabalho apresentado no IV Encontro Estadual de Supervisores Educacionais. Campina Grande. 1989 (mimeo)

RANGEL, Mary. Supervisão Pedagógica: Um modelo. 3 ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1983

RODRIGUES, Neidson. Da mistificação da escola à escola necessária. 2 ed. São Paulo, Cortez e autores associados, 1988 Coleção Polêmicas do Nosso Tempo -24

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 2 ed. São Paulo, Cortez e autores associados, 1989. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo - 5.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade 3 ed. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.

SILVA, Adelaide Pereira da. Retrospectiva Histórica da Educação Formal no Brasil (1500-1964): um esforço de estudo. (mimeo).